

## **Dinâmica da Terciarização e Reestruturação Urbana no Rio De Janeiro**

Susana Mara Miranda Pacheco  
Prof<sup>a</sup> Adjunta do Departamento de Geografia da UERJ  
GETER - Grupo de Estudos Terciários do Rio de Janeiro  
e-mail: [geter@uerj.br](mailto:geter@uerj.br)

### **Introdução**

No início deste século a cidade continua sendo foco de acontecimentos que marcam o cotidiano das pessoas e os rumos da vida coletiva de contingentes populacionais que nela se concentram, participando dos processos de (re)urbanização. Apesar de evocados os poderes do território capaz de dissolver esta forma de assentamento que é a cidade, produção social constante no conjunto de temporalidades do processo civilizatório, temos visto sua permanência como obra do homem e sua potencialidade como forma de organização espacial dos tempos da globalização. Se o presente nos revela que a cultura urbana dissipa-se pelo território, revela também que a sociedade urbana concentra-se nas cidades.

As mudanças experimentadas pelo capitalismo desde 1990, fundindo empresas e espalhando pelo mundo novos modos de produção, circulação e consumo — e definindo assim a cultura da globalização —, fazem das cidades, especialmente as grandes, o lugar de concentração deste poder econômico concentrador. Nelas se estabelecem regras que regulam as relações e os fluxos, sem o que o sistema-mundo não cumpriria o seu papel contemporâneo de expressar a continuidade renovada do desenvolvimento desigual do capitalismo.

Cada vez mais profundas são as transformações nas dimensões econômicas e espaciais. A cidade muda de significado, tornando-se menos utópica em termos de possibilidades de emancipação do homem, mas segue tendo um significado importante para todos, sobretudo para o sistema, que dela necessita para sua real sobrevivência. Por outro lado, a natureza destas relações cambiantes fazem com que a cidade viva novas experiências de urbanização, processos que dão gênese a uma nova estrutura urbana mais dispersa no território.

A estrutura econômica define (des)contornos da cidade, interferindo na produção do espaço urbano e tomando parte de novos modos de urbanização. O espaço é suporte de novas experiências no mundo do trabalho e do ócio, participando e criando condições para a reprodução do capital e dos homens. Tantas mudanças implicam em novos padrões espaciais identificados na generalização do fenômeno urbano que se manifesta paralelo ao novo arranjo da economia global.

O paradigma econômico sugere novos paradigmas espaciais também marcados pela concentração e pela dispersão. Na cidade, expressão espacial dos novos modos de urbanização, concentram-se e se dispersam poderes capazes de por em curso os mecanismos da nova ordem internacional. O Rio de Janeiro é uma dessas cidades do mundo que expressam o jogo estabelecido entre concentração econômica e dispersão territorial. Assim a cidade se insere nos espaços da globalização, como lugar propício às mudanças e dinâmicas constitutivas do sistema-mundo. Internamente, isto é, na estrutura interna da cidade, o sistema também se manifesta e se organiza de modo entrópico. Mudanças e desordem revelam a urbanização, dinâmica e processual.

Este artigo pretende reunir algumas idéias sobre as novas formas de organização do espaço urbano, ressaltando as relações existentes entre estrutura econômica e estrutura espacial. A dinâmica territorial dos espaços da globalização revela a importância da economia de serviços na formatação da estrutura urbana a partir da década de 1990, quando se acirram as políticas no âmbito da globalização e as experiências transformadoras da sociedade. Assim, podemos pensar em buscar uma explicação para a urbanização recente na economia de serviços que predomina na cidade nos últimos dois decênios, estudando sua dimensão espacial. Este, portanto, constitui nosso fio condutor. Assim é que, neste texto pretendemos comentar o modelo de urbanização ao qual o processo de terciarização se articula na sua dimensão espacial enquanto fenômeno urbano, definindo padrões espaciais.

Argumentamos que quando se trata de definir o processo de reestruturação urbana, a relação entre a atividade de serviços e a área central constitui um caminho metodológico para qualificar e definir o processo em curso e as estruturas correspondentes. Consideramos ainda que o padrão espacial definido pela metropolização evolui ao longo do tempo, mudando a organização interna da cidade e configurando tendências de urbanização recém-estruturadas no espaço. Fundamentando-se na literatura sobre o assunto e na pesquisa empírica realizada no Rio de Janeiro, o presente estudo destaca dois processos de urbanização,

apresentando seus aspectos estruturais: o da (re)centralização metropolitana e o da dispersão periférica e /ou suburbana, dando-se ênfase à conceituação adequada à interpretação dos fenômenos atuais que marcam a fase de inserção das cidades ao sistema urbano global. Assim como no clássico processo de descentralização, o setor de serviços cumpre um papel como elemento explicativo da dinâmica urbana recente, como veremos a seguir.

## **1. O campo conceitual dos serviços**

A abordagem dos serviços desde a perspectiva geográfica de análise da cidade carece de estudos sistemáticos, tendo em conta o fenômeno de hipertrofia do terciário nos países subdesenvolvidos nos últimos decênios. (MORENO et ESCOLANO, 1992). As estatísticas são incompletas sobre a evolução dos serviços, suas especificidades e natureza das mudanças ocorridas internamente ao setor. Porém, tem-se informação sobre os índices majoritários que os serviços apresentam sobre a indústria, envolvendo população ocupada e participação no PIB. Só que este desenvolvimento não corresponde ao fenômeno tal como este ocorre nos países cêntricos; isto é, em casos como o brasileiro a concentração do trabalho no setor terciário não significa que estamos atingindo um estágio de evolução das forças produtivas e caminhando para a sociedade pós-industrial no sentido stricto do conceito. Afinal a participação dos serviços nas taxas de desenvolvimento da economia urbana indicam uma forte presença do setor chamado informal, voltado para os serviços ao consumidor, serviços pessoais, sem revelar, portanto, um avanço em direção à generalização dos serviços mais avançados.

De uma forma ou de outra os serviços evoluíram, assim como as metodologias de estudo da terciarização, apesar de sua trajetória opaca em termos de estudos sistemáticos e teóricos. Há uma dinâmica interna que conduz a uma maior especialização e diversificação da atividade, fato que favorece a pluralidade de critérios de classificação. Esta diversidade pode ser explicada pela rápida transformação das formas de divisão do trabalho, das formas organizacionais das empresas e do sistema articulado de planejar, produzir, distribuir e consumir (DOMINGUES, 1994). É sabido que as transformações na economia mundial fizeram crescer o setor de serviços e sua participação sobretudo nos países avançados, na medida em que ficam mais

representativos os valores da produção e as taxas de ocupação. Constitui-se a "sociedade terciária" (DOMINGUES, 1994), na medida em que o consumo final vai sendo estruturado com ênfase na economia dos serviços e o emprego no setor ganha relevância.

Mas também em países como o Brasil os impactos da globalização econômica reforçam o processo de terciarização, e em cidades como o Rio de Janeiro, onde a tradição da urbanização terciária faz parte da arqueologia urbana, o setor terciário se dinamiza, quer através da economia informal quer, em menor escala de importância no conjunto da economia urbana, no chamado terciário superior, no qual estão inseridos os "serviços intermediários" ou *producer services*, se quisermos usar a terminologia anglo-saxônica (DANIELS, 1983; ALLEN, 1994). Quanto maior a inserção da cidade na economia competitiva, maior é a reestruturação espacial atrelada ao setor de serviços mais avançado, afinal estes são estratégicos e produzem impactos sobre a urbanização. A crônica da cidade na virada do século XXI revela que os serviços evoluem e ampliam seu espectro dentro da economia urbana, deixando de ser apenas apêndice da produção.

Se pensamos nas idéias tradicionais de Colin Clark sobre os três setores da economia (1940), podemos considerar que a evolução da economia em sua estrutura conduz à mudança de cenário da indústria para o mundo dos serviços, o que mantém a atualidade da teorização. No entanto, anacrônico e inadequado fica o conceito de "terciário", devido à identificação de atividades de serviços no âmbito dos setores primário e secundário, razão porque passa a ser substituído o conceito original pelo de "serviços". Reduzindo a questão à escala dos dados estatísticos, vemos que no mundo atual 2/3 dos trabalhadores estão vinculados ao setor de serviços. Utopia ou não, o fato é que este setor, que sempre foi relevante para o progresso econômico do Rio de Janeiro, hoje reafirma-se e se impõe como parte essencial no processo produtivo. A tirania da globalização forjou um cambio na natureza dos serviços, cuja capacidade de concentração e força centrípeta tornam o centro de negócios da cidade explicável através do velho conceito geográfico de "centralidade", fonte idônea ainda que se desmanche o conhecimento prévio da matéria. Na verdade, as atividades de serviços intermediários apresentam uma sinergia que favorece a aglomeração espacial. Há articulação entre os subsetores, na medida em que eles se pautam pela complementaridade. Neste sentido os lugares centrais funcionam como amálgama, juntando as atividades fundamentadas no intercâmbio de informação, considerando-se

a exigência de contato face a face.

Em termos gerais a categoria serviços pode ser caracterizada, primeiramente, pela heterogeneidade interna. Grandes e pequenas empresas convivem entre si, assim como condições de baixa e alta capitalização, maior ou menor intensificação e qualificação do trabalho; uns são de natureza pública, outros privada; uns destinam-se à demanda final, outros à intermediária (GUTIERREZ JUNQUERA, 1993); enfim, todas essas diferenças se avizinham neste vasto campo da economia urbana. No entanto, as análises devem cuidar para que ao alinhar este conjunto heterogêneo não se deixem sucumbir ao fascínio metodológico das generalizações, chegando a conclusões espúrias sobre a funcionalidade do setor.

A noção de serviços adotada no presente estudo procede de uma classificação que adota como critério básico o destino do produto (*output*), quer dizer, se o destino se reduz ao consumo final ou se o consumo é intermediário, inserindo-se no processo de outra atividade produtiva como a indústria, as instituições ou o próprio campo dos serviços (DANIELS, 1983; ALLEN, 1994). Portanto, a natureza do mercado constitui um elemento primordial que estrutura a análise, considerando-se como se organizam e articulam oferta e procura. Como mencionamos anteriormente, interessa-nos nesta comunicação tratar dos chamados serviços intermediários, que dentro da visão funcionalista constituem inputs intermediários para a produção de bens e de serviços, com os quais se combinam endogenamente. (DOMINGUES, 1994). Esse grupo de serviços caracteriza-se sobremaneira pela sua natureza técnica e de gestão, pela alta qualificação profissional e pela capacidade inovativa (GUTIERREZ JUNQUERA, 1993). Em outras palavras, correspondem a atividades especializadas cuja oferta se dá em nível intermediário para produtores como empresas industriais e de serviços ou instituições: administração e gestão, contabilidade, auditoria, informática, serviços jurídicos, seguros, propaganda e marketing e consultoria técnica constituem ramos importantes.

Esses serviços passam de coadjuvantes a protagonistas na economia urbana globalizada e constituem a argamassa que articula e junta outras atividades econômicas no âmbito da produção e do consumo, englobando todos os setores. As mudanças na urbanização recente são devedoras da prestação de serviços, razão porque nos dedicamos à identificação dos padrões espaciais gerados na estrutura urbana, definindo arranjos na cidade, a partir deste eixo temático. A seguir tentaremos explicar o papel

dos serviços na organização do espaço urbano, exemplificando com o caso do Rio de Janeiro.

## **2. Estrutura urbana e serviços: um jogo entre centralização e desconcentração difusa**

A estrutura urbana sugere a elaboração de dois padrões que podem ser vinculados a dois estágios de urbanização: a metropolização e a mundialização. O primeiro corresponde à dinâmica deflagrada na primeira metade do século passado em cidades sob processo de industrialização, que assumem o status de metrópole e organizam uma área metropolitana no seu entorno. Os padrões de urbanização correspondem a processos gerados pela dinâmica da centralização e da descentralização, constituindo esta os subcentros comerciais ou as regiões funcionais urbanas. O segundo estágio é o responsável pela estrutura urbana condicionada a fenômenos da mundialização, correspondendo a processos de (re)centralização associados à dispersão urbana. A cidade não perde o seu CBD herdado da cidade industrial e configura de modo difuso novos centros em zonas distantes do núcleo e sem continuidade espacial. Este modelo de urbanização não atende aos apelos da urbanização tradicional enquanto fenômeno que tem como um dos princípios a trama contínua do espaço articulado. Este modelo implica redes de relações mais complexas entre os lugares da área metropolitana. No entanto, o resultado não é maior integração porque malha urbana estendida não significa homogeneidade entre lugares, razão porque está cada vez mais presente a segregação social no espaço urbano. As diferenças se fazem valer, apesar da hierarquia não ser satisfatória como conceito-chave para entender este espaço metropolitano modificado e que se desenvolve extensivamente.

A evolução dos serviços apresenta uma dimensão espacial que se expressa mediante processos de concentração em metrópoles e, na escala metropolitana de análise, em áreas centrais, como o antigo CBD, e em aglomerações periféricas, adotando um modelo de concentração descentralizada que pode ser lido nos distritos industriais, nos *office parks* e/ou *business centers*, nos centros administrativos ou tecnológicos. Os serviços intermediários apresentam uma tendência à concentração espacial nos centros de negócios, onde estão as sedes de grandes empresas nacionais

ou multinacionais e a articulação entre oferta e procura se efetua. No caso da área central, a localização dos serviços é devedora do poder simbólico que o CBD de grandes metrópoles ainda exercem.

Estudando o Rio de Janeiro pode-se considerar que existem padrões configurados a partir de processos de centralização e de dispersão espacial, cumprindo os serviços intermediários um papel como elemento na estruturação do modelo de urbanização carioca. Tanto na centralização do modelo clássico a partir de Christaller, como no modelo dispersivo ou difuso para além dos limites municipais e/ou da área metropolitana, correspondendo a novas centralidades específicas e isentas do princípio de relações hierárquicas entre lugares (MONCLÚS,1998), a metrópole apresenta condições de adaptação aos modelos descritos para cidades do mundo desenvolvido.

## **2.1 O modelo de urbanização periférica dispersa**

A propósito da relação estrutura urbana e serviços, parece oportuno ressaltar uma consideração básica, qual seja: o processo de terciarização que move a economia carioca expressa-se espacialmente constituindo um padrão de localização dos serviços. Este padrão, por sua vez, está relacionado com a questão da centralidade e tem como elemento indutor a ação dos agentes imobiliários na construção de edifícios de escritórios em áreas novas ou no eixo das revitalizações na área central, estratégia de apropriação e produção do solo urbano atual que marca as tendências dos negócios imobiliários de grandes e médios agentes. Existe uma oferta de imóveis desta natureza que revela o perfil da economia urbana no qual a prestação de serviços intermediários se impõe, e exemplo deste fenômeno são os centros empresariais ocupando prédios inteligentes. Na Barra da Tijuca o espaço dos *business services* pode ser identificado se observarmos a produção de edifícios de escritórios. Em 1998, neste eixo de urbanização dispersa, na zona oeste do município, o número de construção com esta funcionalidade chegou à cifra de 52% do total dos escritórios lançados na cidade, na última década (MATOS, 1999). São ecos da reestruturação geral da economia associados à urbanização recente rompendo o limite construído até meados do século passado.

A economia de serviços intermediários, portanto, ao operar como elemento fomentador da estruturação urbana, constitui essas áreas novas que correspondem às

emblemáticas "novas centralidades", como é o caso da Barra da Tijuca. Ali a infraestrutura de estradas e vias expressas muda o padrão original de centralidade aliado à acessibilidade de centros históricos. O modelo de crescimento metropolitano e organização do espaço interno transforma-se com a ocupação da Baixada de Jacarepaguá e com os atuais equipamentos imobiliários que alojam a atividade de serviços. As condições de acessibilidade foram criadas e planejada a ocupação dessa zona da cidade. Um novo padrão pode ser identificado, liberto da capacidade polarizadora do centro tradicional e concentrador da economia de serviços.

O modelo urbanístico gerado pela Barra da Tijuca constitui, neste sentido, um desvio do longo processo histórico de concentração de atividades empresariais no centro da cidade. O modelo da Barra, com o seu aparato de prestação de serviços, corresponde em termos de qualificação do espaço urbano ao complexo de escritórios em bairros distantes e de alto nível descrito pela literatura especializada (SASSEN, 1998). Como periferia, a Barra teve uma história diferente das periferias precárias e proletárias que se constituíram como subúrbios do Rio. Ela nunca foi periferia dormitório. Na verdade se trata de uma área que só começou a ser ocupada efetivamente na década de 1970, quando a sociedade industrial e a difusão do automóvel consolidara a expansão em mancha de óleo nos subúrbios na direção norte, nordeste e noroeste, formatando a área metropolitana.

O fenômeno Barra se assemelha mais à dispersão suburbana que remete à urbanização anglo-saxônica, predominando a descontiguidade e a baixa densidade da estrutura reticular (DEMATTEIS, 1998). Trata-se de uma nova periferia com especificidades no conjunto metropolitano, que se tornou protagonista porque é um novo "centro", impondo uma nova paisagem e nova cultura urbana produzida pela nova elite. Representa para a cidade um modelo novo de urbanização que foge do clássico modelo metropolitano ao relacionar estrutura urbana com lógicas produtivas, técnicas e culturais pós-fordistas. Com este novo modelo o espaço urbano se estende pelo território, definindo relações mais complexas na articulação com o núcleo e as tradicionais periferias metropolitanas do Rio de Janeiro.

Podemos ainda apontar como característica da Barra o fato dela se opor à hipertrofia do núcleo metropolitano dotado de infra-estruturas e que reúne tudo; porém, à medida que avança o processo de urbanização desta área dispersa, na Baixada da Jacarepaguá, pode-se pensar na repetição de processos de concentração em áreas nucleares. Basta lembrar o plano urbanístico Lúcio Costa, prevendo na sua origem um



novo CBD na Barra, com especialização funcional, o que significaria estabelecimento de limites no território em expansão difusa em relação ao núcleo metropolitano, cujo entorno ainda emite sinais de área rural, remetendo ao conceito de "cidade difusa" descrito por Dematteis (1998). A evolução deste processo sugere a constituição de um território autônomo, no que se refere à funcionalidade como lugar de trabalho e produção/prestação de serviços especializados.

O mercado imobiliário foi decisivo ao definir o conteúdo social desta nova urbanização, onde a continuidade física não é fundamental. Para o novo paradigma econômico, a cidade compacta não influi decisivamente no desenvolvimento. Para a elite, os limites flexíveis desta nova urbanização são atrativos e significam um novo estilo de vida com autonomia do padrão nuclear em solução de alta densidade ocupacional. O fato de ser morfologicamente uma restinga favorece o formato linear ao longo de eixos viários propostos pelo plano urbanístico que politicamente criou as bases desta nova urbanização desconcentrada, na periferia imediata do Rio.

Sabemos que estamos diante de um processo novo, mais relacionado às dinâmicas exógenas do que à dilatação de antigos anéis urbanos, podendo ser explicada pela dinâmica dos tecidos residenciais e produtivos (indústrias inovativas e serviços especializados), o que a aproximaria do modelo de difusão reticular (DEMATTEIS, 1998). Os atores hegemônicos prevalecem na sociedade local, e com suas ordens globais dominam a entropia local, num sistema que representa quicá uma última geração de periferia, anunciando a obsolescência do conceito de "área metropolitana".

A realidade nos mostra que as elites vivem do mesmo jeito em qualquer grande cidade do mundo. Por isso costumamos dizer que a Barra parece com Miami. Isto porque neste tipo de urbanização a especificidade do lugar acaba sendo menos importante do que o estilo de vida global, de natureza homogênea, que extrapola os limites culturais de uma sociedade específica. Estes espaços simbolizam a cultura internacional, na medida em que correspondem a espaços da globalização (SANTOS, 1994; CASTELLS, 1998). Neles a nova elite (nova classe média emergente) cria e reproduz socialmente o seu estilo de vida, difundindo sua marca exclusiva. Basta ver os condomínios exclusivos da Barra, preenchendo de valor simbólico e significação aquele espaço difuso da cidade.

Esse modelo de urbanização e expansão da cidade rompendo fronteiras, implica em perda de prestígio do princípio da contiguidade territorial e valorização da rede de

comunicação representada no território pelas vias expressas, embora se manifeste também em outras dimensões como a rede de fibra ótica que sublinha a integração deste espaço "externo", definindo elos, conectividade, a interrelação desejada mediante os fluxos derivados do complexo de produção e prestação de serviços (*business services* e grandes superfícies comerciais) ali localizados.

## **2.2 A concentração no CBD e a noção da centralidade reestruturada**

O modelo de descentralização desencadeado com o crescimento metropolitano na primeira metade do século XX e que se consubstanciou na repartição de atividades pelos sub-centros não privou de hegemonia o centro do Rio, de controle das funções urbanas candentes e reveladoras do poder econômico e político da antiga capital federal, sendo as atividades empresariais e institucionais prestadoras de serviços parte constitutiva da funcionalidade urbana. A "desconcentração metropolitana" existe desde então, descrita pela Escola de Chicago, que define a estrutura urbana no período fordista (GOTTDIENER, 1997); mas só a urbanização alicerçada nos grandes eixos viários e linhas expressas, vertebradoras da ocupação e da pretendida coesão funcional metropolitana, que marca os anos 80 e 90, transgride o modelo pré-existente de subcentros comerciais subordinados ao grande centro histórico.

A dinâmica da globalização prescinde dessa base territorial constituída ao longo da evolução urbana do Rio de Janeiro, apesar de a tradição de centro comercial internacional servir de base territorial para a dinâmica forjada nos anos 90, dando continuidade a funções passadas. A condição de internacionalidade é antiga, mas a crescente concentração e especialização das atividades de serviços cria uma nova condição para a cidade, através da economia urbana que novamente vincula a cidade ao mundo, independentemente do fato de que no espaço urbano carioca processos específicos estejam em curso e que espaços da pobreza existam fora do mercado global, inibindo os investimentos estrangeiros com as desvantagens comparativas.

A importância do centro histórico sempre foi notória na evolução urbana do Rio de Janeiro, até porque ele sempre funcionou como uma cidadela com olhos postos e controladores do funcionamento dos espaços da cidade que gerou ao desencadear um *modelo centrífugo* de urbanização, especialmente os subcentros dotados de sedes de instituições públicas e filiais de firmas comerciais e bancárias, que correspondem às

condições espaciais de centralidade. Esta estruturação do espaço metropolitano teve nos eixos viários e na dotação dos meios de transporte (desde o trem suburbano à proliferação dos ônibus, lotações e da difusão do automóvel como meio privado e individual de locomoção, e do caminhão para transporte intra-urbano de cargas e mercadorias) um estímulo para a expansão urbana em caráter metropolitano, no contexto da difusão espacial das indústrias, criando uma dinâmica do emprego e dos fluxos para trabalho, compras e lazer. Desta dinâmica resulta a configuração de um mapa, no qual o fenômeno urbano se distingue em sua total potencialidade formatando um espaço contínuo e concentrador de funções centrais. No entanto o mosaico ainda existe no tecido metropolitano, contrapondo áreas e admitindo vazios especulativos, ao passo que o centro continua sendo foco das atenções dos empresários do setor de prestação de serviços.

Após o boom imobiliário da zona oeste com a terciarização da Barra da Tijuca dando lugar aos *business centers*, por exemplo, cabe perguntar qual é o papel atual do centro da cidade no tocante à prestação dessa categoria de serviços intermediários, tema do presente artigo?

Os serviços difundem-se pelo centro ocupando os prédios de escritórios localizados no que denominamos “coração terciário” (PACHECO, 1999) constituído desde os “anos dourados”. Para ser mais precisa nesta matéria, vale mencionar que no centro do Rio podemos identificar cinco gerações de edifícios de escritórios. A ação imobiliária contemporânea produziu o Rio Branco 1, que surge como marco emblemático da fase atual de desenvolvimento das atividades terciárias, em tempos de globalização. Ali estão os escritórios voláteis, espacializando o emprego temporário e desregulamentado. A igreja, que até o século XIX participava ativamente do processo de apropriação, parcelamento e gestão de terras no centro do Rio, cede lugar ao grande incorporador imobiliário, que nos anos 90 se dedica a construir e produzir o espaço dos negócios, leia-se, edifícios de escritórios de firmas industriais ou de prestação de serviços. Na década de 1980, 30% dos lançamentos de edifícios de escritórios estavam localizados na área central. Na década seguinte a ênfase se dá na Barra da Tijuca, onde a oferta de terrenos viabiliza este avanço do terciário superior. O fato é que a paisagem urbana fica marcada por esses empreendimentos novos, epítome da pós-modernidade no território. Acontece que este é um padrão atípico no centro de alta densidade de ocupação, sem estoque de terras disponíveis para a construção deste tipo de empreendimento — daí a manutenção da verticalidade nos poucos exemplos

existentes no CBD. O centro se caracteriza pela relação entre os prédios através dos quais correm fluxos de serviços, numa solução de continuidade e complementaridade. Trata-se de um território delimitado desde os modelos clássicos do processo de urbanização, no qual os contatos face a face são importantes. Vide a institucionalização dos arranha-céus como produto imobiliário nas grandes metrópoles capitalistas, onde estão sedes de empresas de nível hierárquico elevado no espaço globalizado.

A qualidade do centro histórico do Rio de Janeiro como “lugar central” tem sido reafirmada pela difusão dos serviços. Historicamente esta é uma cidade terciária e hoje, uma vez mais, os serviços deixam seu tributo no território e fenômenos de terciarização inscrevem-na no rol das cidades mundializadas.

Circunscrita à base teórica adotada para o estudo dos serviços, a presente reflexão admite a importância do conceito de “centralidade”, tão caro à geografia, para explicar a relação existente entre o espaço e a urbanização terciária e globalizada que vivenciamos no presente. A tradição geográfica nos cede como ferramenta a noção elaborada por Walter Christaller e nos autoriza a considerar centralidade no sentido lato do proposto pela teoria, ou seja, atendo-nos ao que dela pode ser aplicado ao estudo de áreas metropolitanas, para especificar o nó polarizador que é o centro histórico do Rio de Janeiro. A rigor, a noção nos ajuda a esclarecer a localização dos serviços e o padrão espacial através do que contribuem para definir a estrutura e as formas espaciais configuradas na área central da metrópole.

Tentando aplicar a *teoria das localidades centrais*, de Walter Christaller, ao estudo dos serviços no centro do Rio, encontramos que por tratar-se de funções centrais de níveis superiores na oferta de serviços é certo que a localização seja na área central de negócios, na qual estão concentradas firmas e instituições aptas ao consumo, dispondo de economias de escala capazes de maximizar a concorrência; onde a oferta dessa categoria de serviços possa ampliar a área de mercado; e onde existem infraestrutura de transporte e suas implicações no preço ao consumidor dos serviços ofertados.

Para entender a distribuição espacial dos serviços a teoria das localidades centrais ajuda como ferramenta, mas apresenta limites para explicar a dinâmica territorial dos serviços intermediários. Ao levar em conta o consumo final como medida de avaliação, a teoria não proporciona explicação para a nova organização da produção e oferta de serviços intermediários. Existem formas de expansão que escapam do ângulo de observação proposto por Christaller, na medida em que extrapolam a idéia

tradicional de centralidade. Sendo assim, nossa hipótese de trabalho parte da premissa que o modelo de urbanização do Rio de Janeiro na década de 1990, considerando a oferta de serviços intermediários como elemento estruturador da dinâmica urbana, não pode mais ser explicado pela centralidade tradicional, concentradora e formadora de economias externas, que privilegiavam a área central como exclusiva e como lugar de maior centralidade e nível hierárquico no sistema urbano configurado pela metrópole e sua área metropolitana. Mais que espaço urbano hierarquizado, existe uma complementaridade entre centros especializados no espaço urbano (DOMINGUES, 1994).

Do mesmo modo, ao investigarmos o porquê da aglomeração dos serviços intermediários no CBD carioca, encontramos que o alcance espacial da oferta não constitui um elemento-chave da explicação, como ocorre nos fundamentos teóricos christallianos. A organização da produção, sim, contribui para explicar a concentração de serviços desta natureza na área central.

No que diz respeito ao comércio varejista e aos serviços pessoais, ou seja, aqueles diretamente voltados para o consumo final, o modelo parece oportuno para explicar a questão da centralidade do CBD carioca. Dos mais de dois milhões de pessoas que se dirigem diariamente para ele, inclui-se os que vão trabalhar e os que circulam nesta área em busca de consumo. Mas não é suficiente quando se trata de explicar a centralidade implícita na localização dos serviços intermediários, até porque a ênfase está na troca de conhecimento ao invés de bens, gerando fluxos de outra natureza. Outros elementos entram em jogo na identificação de um padrão locacional desses serviços (sua produção e distribuição) e sua vinculação com a idéia de centralidade urbana. A centralidade do centro histórico existe desde o arrebol do período colonial e constitui um princípio do assentamento populacional de natureza urbana que caracterizou a cidade como tal desde o século XVIII. Mas pensar a estruturação do espaço carioca apenas por esta via seria ignorar os modos de urbanização concomitantes e que distinguem forças centrífugas e formas difusas de crescimento urbano.

Em resumo, o caráter produtivo dos serviços intermediários não é contemplado nos pressupostos da teoria tradicional, focada no consumo final. Até porque a nova condição urbana de mundialização sugere novos elementos territoriais que avançam além da centralidade tradicional, como exemplifica a matriz da cidade difusa. Portanto, vale salientar que as especificidades dos serviços intermediários prescindem do modelo

proposto por Christaller. Se a metrópole é por natureza polarizadora e o centro histórico ainda mantém a força concentradora de atividades econômicas no âmbito dos serviços, por outro lado existe uma diversidade de tendências de urbanização às quais os serviços estão articulados em seu processo evolutivo. A localização dos serviços intermediários é dinâmica e está vinculada aos processos de reestruturação urbana, e sem dúvida implica em centralidade urbana, estando submetidos a processos de concentração e dispersão (DOMINGUES, 1994).

A concentração na área central do Rio revela a propriedade de aglomeração implícita na espacialidade dos serviços intermediários, mais isso não é tudo. Então como se estrutura esta espacialidade? Em primeiro lugar, os serviços intermediários necessitam estar aglomerados porque se fundamentam também na complementaridade, na troca sobretudo de informações. Portanto constituem um espaço de fluxos que admite a existência de externalidades à produção e circulação do serviço. As empresas funcionam em rede (técnica/organizacional) e para que a comunicação se estabeleça o conceito de "proximidade" no espaço entra em cena favorecendo as relações formais ou informais, e constituindo um *meio técnico* diversificado, calcado na informação e nas inovações. Este é um elemento estruturador da centralidade e da dinâmica metropolitana dos serviços, cuja concentração se dá pelo modo de organização da atividade interconectando firmas, no marco da produção dos serviços, além da concentração do consumo (empresas e instituições); e pela necessidade de trabalho qualificado e diversificado (DOMINGUES, 1994; CASTELLS, 1998; SANTOS, 1994). Considerando este aspecto, as inovações no setor dos recursos humanos tornam-se um componente importante na evolução deste meio técnico correspondente ao espaço dos serviços intermediários. O subsetor de RH no centro do Rio representa 80% do complexo existente na cidade. O meio técnico no qual se dá a dinâmica transacional dos serviços intermediários é cada vez mais especializado e coeso do ponto de vista funcional, constituindo externalidades fundamentais ao processo de circulação da informação e dos produtos/serviços, no circuito da prestação dos serviços e da mobilidade entre empresas (DOMINGUES, 1994).

Esses elementos contribuem para a definição de um padrão polarizador da atividade de serviços no núcleo metropolitano. No núcleo estão as sedes das empresas mais relevantes que constituem mercado, fato que enfatiza este padrão espacial. O poder representado por estas firmas justifica a dinâmica dos serviços prestados. O poder político do Rio de Janeiro sempre tornou vital para a economia urbana carioca a

atuação terciária de firmas prestadoras de serviços fundamentais para os processos decisórios que definiram a cidade ao longo do tempo. Sua importância como capital e sede do governo, isto é, lugar das decisões, favoreceu o estabelecimento de um campo de produção de serviços intermediários considerável que gravitava em torno do poder territorializado na cidade.

Esta é uma metrópole que, como outras, apresenta a dualidade entre setores modernizados da economia urbana, como é o caso dos serviços intermediários, e as condições de falta de qualificação no emprego, contrário sensu. Na perspectiva espacial, o centro da cidade é alvo de políticas urbanas que regulam o funcionamento e a localização do comércio ambulante e, por outro lado, dispõe de infra-estrutura de telecomunicações com suporte em fibra ótica, razão porque se constitui em uma localização-chave para a alocação de atividades produtoras e distribuidoras de serviços intermediários. A posição forjada historicamente é reforçada pelas possibilidades criadas, no âmbito dos investimentos, para o funcionamento de redes de comunicação e transmissão de dados (HALL, 1991). As economias de aglomeração representadas pelos serviços permitem a manutenção desse padrão concentrador e das respectivas inovações requeridas pelas empresas de base intensiva de informação. Por essa razão firmas prestadoras de serviços de informática (70% do total de firmas) e telecomunicações atuam no CBD, assim como empresas e instituições baseadas em informação, fato que reforça o padrão concentrador de atividades terciárias no centro histórico do Rio. É o caso da concentração de firmas de seguros (85% do complexo existente no Rio), recursos humanos e serviços jurídicos.

Ainda sobre o mesmo tema, podemos lembrar que a capitalidade do Rio por um longo período histórico forjou o desenvolvimento das atividades de serviços, na medida em que instituições de natureza político-administrativa constituíram mercado para a produção de serviços, ampliando esse campo. Do mesmo modo, ou seja, por ser capital federal, a metrópole concentrou ao longo do tempo (até a perda desta função) as sedes de empresas públicas e privadas. Mesmo com a perda de poder econômico registrada nas últimas décadas, o Rio continuou usufruindo da localização de grandes empresas, ainda que em número reduzido, agora privatizadas e consumidoras de serviços.

## Considerações finais

As bases territoriais da reestruturação econômica alicerçada na prestação de serviços intermediários sugerem, no Rio de Janeiro, a existência de um CBD revitalizado ao qual se somam novos eixos externos, onde se reconstitui a idéia de centralidade, nova, até porque o centro histórico não ficou insolvente. A polarização configurada no período fordista não serve para explicar a fragmentação atual da estrutura urbana. Novos elementos se impõem na rede de relações que o novo modelo estabelece, fundindo diversas tendências de urbanização. A dinâmica atual da cidade do Rio de Janeiro fica por conta do centro tradicional (CBD) e do bairro burguês que notifica a presença do modelo de urbanização periférica dispersa na Baixada de Jacarepaguá (Barra da Tijuca). Nesses espaços da globalização a estrutura urbana revela a inserção da cidade na rede informacional, tornando o uso do solo mais seletivo, dada sua sujeição aos esquemas da economia competitiva. Nessas condições, os dois espaços de atuação/produção de agentes hegemônicos — "nova elite gestora-tecnocrata-política" (CASTELLS, 1998, p.434) — constituem campo fértil para uma maior dinâmica de urbanização e/ou reestruturação espacial, cumprindo os serviços mais especializados e avançados um papel de protagonismo.

Podemos considerar que o centro do Rio está sendo reestruturado por políticas urbanas e os serviços participam como elemento estruturador quer da economia urbana quer do padrão espacial identificável, contribuindo para a permanência de um modelo de urbanização calcado no processo de centralização das atividades terciárias no núcleo metropolitano. A nova onda de terciarização na cidade do Rio de Janeiro premia novamente o centro de negócios da cidade como centralidade e os serviços intermediários cumprem um papel senão decisivo na economia urbana pelo menos notório no que se refere às articulações da cidade com o processo de globalização da economia e da cultura urbana. O novo paradigma submeteu a cidade e afetou a organização do trabalho assumindo uma dimensão territorial a ser registrada e definida com mais rigor e sistematização.

Na elaboração das centralidades toma parte importante o setor de negócios imobiliários através da construção de edifícios de escritórios, *business centers*, centros empresariais e teleporto, por exemplo, erguidos nos interstícios, zonas de obsolescência ou nos vazios especulativos. Na área central carioca foram aproveitados os interstícios, reconstruindo-se, e o centro moderno do Rio da década de 1990



continua sendo o "lugar de reunião e interação" (HALL, 1991, p.419), cabendo-lhe ser reconhecido pela produção e distribuição de serviços. O centro histórico da cidade, portanto, ainda é poderoso como concentrador de funções urbanas, constituindo um nó importante na rede de lugares dotados de centralidade devido às condições que assumem em termos de desenvolvimento comercial e de negócios. Assume uma posição estratégica para a localização de serviços, especialmente os intermediários, correspondentes aos escritórios de firmas. Esta importância é patente se observarmos as estatísticas referentes aos serviços intermediários, embora esteja em curso o desenvolvimento do padrão de concentração descentralizada em bairros como a Barra da Tijuca, onde se instalam grandes firmas. *Pari passu* com a reorganização das economias urbanas submetidas ao novo paradigma tecnológico, ocorre no Rio uma reestruturação urbana, um fenômeno novo diferente da suburbanização ou da metropolização (SASSEN, 1998).

Por fim, podemos indagar se a relativa atrofia do antigo centro, após 1960 — centro fulgurante no período da Belle Époque e nos Anos Dourados — repercutiu diretamente na elaboração de um novo padrão de concentração de serviços na zona oeste, onde a ocupação residencial foi configurada e o lastro do Plano Lúcio Costa acenou com a possibilidade de centralização de serviços naquela zona periférica detentora de capital social e simbólico? Tudo está a indicar que sim: basta ver os empreendimentos imobiliários com conteúdo de serviços e formas espetaculares que se autodenominam com nome próprio, como *Downtown* e *Città América*. Grandes empresas decidiram-se por esta nova localização periférica dotada de infra-estrutura como vias expressas ou as chamadas "cibervias" (SASSEN, 1998, p.123) que permitem este padrão de concentração descentralizada. Mas a vizinhança da obsolescência no centro do Rio preconizou também o fenômeno subsequente de requalificação e recuperação da área central e seu entorno imediato, de acordo com os ditames da reorganização da economia mundial e suas exigências quanto ao formato urbano versus funcionalidade. O Teleporto e o edifício RB1 são exemplos resultantes desta revitalização da área central carioca, ainda que os resultados desses investimentos estejam subestimados.

Como nos adverte Saskia Sassen (1998) muito se estudou da cidade industrial, portanto agora cabe descobrir os impactos da economia de serviços na cidade pós-industrial, estudando sua condição. A indústria gerou aumento de salários e constituiu a classe média. Agora, com o novo modo de produção, surgem novas desigualdades na

cidade ao serem produzidos serviços mediante trabalho qualificado com elevados salários e trabalho não-qualificado com baixos salários, configurando uma situação de disparidade salarial, fragmentação social e assimetria do espaço urbano.

Para concluir parece oportuno retomar a idéia de que a cidade é uma entidade geográfica e econômica importante para a produção da economia global, especialmente porque nelas é produzido o poder das corporações. Mas o estudo da terciarização em grandes cidades como o Rio de Janeiro revela que devemos incluir na análise o circuito de baixa capitalização, os micro empresários, e também o trabalho informal, tendo em vista a fragmentação social que não unifica os diversos segmentos. Existem desigualdades sociais intra-urbanas que se acirram no espaço do trabalho e da residência. Se a globalização econômica proporciona maiores lucros para os investidores estrangeiros, ocasiona também empobrecimento mediante os baixos salários para a maioria dos trabalhadores que, qualificados ou não, compõem a economia de serviços.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALLEN, John; PRYKE, Michael. The Production of Service Space. In: *Society and Space*, v.12, pp.453-475, 1994.

CARRERAS, Carles. *Geografia Humana*. Barcelona, Edicions Universitat de Barcelona, v.21, 1998.

CASTELLS, Manuel. *La Era de la Información: Economía, Sociedad y Cultura. Vol.1: La Sociedad Red*. Madrid, Alianza Editorial, 1998.

CLARK, Colin. *The Conditions of Economic Progress*. Londres, MacMillan, 1940.

DANIELS, Peter W. Service Industries: supporting role or centre stage?. In: *Area*, v.15, n.4, pp. 301-309, 1983.

\_\_\_\_\_. A World of Services?. In: *Geoforum*, v.22, n.4, pp.359-376, 1991.

DEMATTEIS, Giuseppe. Suburbanización y periurbanización: Ciudades anoglosajonas y ciudades latinas. MONCLÚS, J (ed.). *La Ciudad Dispersa*. Barcelona, CCCB, 1998.

DOMINGUES, Álvaro. *Servicos às Empresas: Concentração metropolitana e desconcentração periférica*. Tese de Doutorado. Universidade do Porto, 1994.

ESCOLANO, Severino; MORENO, Antonio *Los Servicios y El Territorio*. Colección Espacios y Sociedades, n.19. Madrid, Editorial Sintesis, 1992.

ESCOLANO, Severino; MORENO, Antonio. *El Comercio y Los Servicios para La Producción y El Consumo*. Colección Espacios y Sociedades, n.20. Madrid, Editorial Síntesis, 1992.

GOTTDIENER, Mark. *A Produção do Espaço Urbano*. São Paulo, Edusp, 1997.

GUTIÉRREZ JUNQUERA, Pablo. *El Crecimiento de Los Servicios: Causas, repercusiones y políticas*. Madrid, Alianza Editorial, 1993.

HALL, Peter. *Ciudad del Mañana: Historia del urbanismo en el siglo XX*. Barcelona, Ediciones del Serbal, 1996.

MATOS, Marcelo. A Dinâmica dos Edifícios de Escritórios na Cidade do Rio de Janeiro. In: *Boletim GETER*, ano II, nº 3, 1999.

MONCLÚS, Francisco J. *La Ciudad Dispersa*. Barcelona, CCCB, 1998.

PACHECO, Susana M. Terciarização e Reestruturação Urbana no Rio de Janeiro. In: *Boletim Geter*, Ano 1, n. 1, fev, 1998.

\_\_\_\_\_. Contrapontos da Reestruturação Urbana no Centro do Rio de Janeiro. In: *Boletim Geter*, Ano 2, n.3, nov., 1999.

SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo, Hucite, 1994

SASSEN, Saskia. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton Univ. Press, Princeton N.J., 1991.

\_\_\_\_\_. *As Cidades na Economia Mundial*. São Paulo, Studio Nobel, 1998.